

O ensino de música na Congregação Cristã no Brasil: relato da oficina de violino em Vila Velha (ES)¹

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA/TCC

SUBÁREA: EDUCAÇÃO MUSICAL

Valdeir Jose fernandes
Universidade Federal do Espírito Santo
valdeirfernandes.27.2@gmail.com

Profa. Dra. Hellem Pimentel Santos Figueiredo
Universidade Federal do Espírito Santo
hellempimentel@gmail.com

Resumo. Este artigo tem como objetivo analisar o ensino nas oficinas de violino oferecidas pela Congregação Cristã no Brasil (CCB) no bairro Centro de Vila Velha - ES. Estabelecida em mais de 70 países, a CCB possui um espaço de ensino e aprendizado de música em todas as igrejas, com divisão de tarefas entre homens e mulheres na execução dos hinos durante o culto e um currículo definido para a formação dos músicos que compõem sua orquestra. Para este trabalho, foi realizada uma pesquisa qualitativa de cunho documental e etnográfico (com análises em documentos internos da instituição como, Relatórios Anuais, Estatutos, Históricos Musicais e Instruções para a Orquestra e Históricos da CCB), que investigou a proposta do ensino de música na CCB e os procedimentos pedagógicos nas aulas teóricas e práticas de violino. A partir do relato das aulas no Grupo de Estudo Musical (GEM), foi possível observar que a musicalização da CCB abrange um público de variadas idades, dentro de um sistema fortemente metódico e estruturado, com abordagem conservatorial, visando a formação de instrumentistas para tocar na orquestra da igreja. Como resultado, muitos desses músicos buscam uma formação profissional na área da música.

Palavras-chave. Congregação Cristã no Brasil. Violino. Grupo de Estudo Musical. Orquestra. Ensino de Música.

Title. The teaching of music in the Christian Congregation in Brazil: a report of the violin workshop in Vila Velha - ES

Abstract. This article aims to analyze the teaching in violin workshops offered by the Christian Congregation in Brazil (CBB) in the Center of Vila Velha - ES. Established in more than 70 countries, the CCB has a space for teaching and learning music in all churches, with division of tasks between men and women in the performance of hymns during worship and a defined curriculum for training the musicians who make up its orchestra. For this work, qualitative research of a documentary and ethnographic nature was carried out (with analyzes of the institution's internal documents such as Annual Reports, Statutes, Musical Histories and Instructions for the Orchestra and CCB Histories), which investigated the proposal for teaching music at CCB and the pedagogical procedures

¹ Este artigo é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso defendido em julho de 2023 como requisito parcial para aprovação no curso de Bacharelado em Música da Universidade Federal do Espírito Santo, sob orientação Profa. Dra. Hellem Pimentel Santos Figueiredo.

in theoretical and practical violin classes. From the report of the classes in the Musical Study Group (GEM), it was possible to observe that the musicalization of the CCB covers an audience of different ages, within a strongly methodical and structured system, with a conservative approach, aiming at training instrumentalists to play in the church orchestra. As a result, many of these musicians seek professional training in the field of music.

Keywords. Christian Congregation in Brazil. Violin. Music Study Group. Orchestra. Music Teaching.

Introdução

A Congregação Cristã no Brasil (CCB) vem formando músicos para tocar em sua orquestra há mais de 80 anos. Com uma estrutura fortemente institucionalizada e metodologicamente estruturada, os Grupos de Estudo Musical (GEM) da CCB organizam seu próprio material didático e oferecem oficinas para que seus membros possam atuar como instrumentistas nos cultos da igreja. Atualmente, são mais de 500.000 músicos espalhados pelos países nos quais a CCB tem sede. Como resultado, muitos desses músicos buscam uma formação profissional na área da música.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar o processo de formação musical que ocorre nos Grupos de Estudo Musical da Congregação Cristã no Brasil e, mais especificamente, na oficina de violino que é ministrada na Congregação do bairro Centro de Vila Velha (ES). A motivação para esta pesquisa se deu devido ao pesquisador ter sido musicalizado através do GEM e, atualmente, ministrar as aulas da oficina de violino na CCB no Centro de Vila Velha. Tendo passado por esse processo, que me levou a conquistar uma vaga no curso de Bacharelado em Música da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), proponho relatar como é o seu funcionamento de dentro do sistema e corroborar sua importância para a formação musical de sua comunidade.

Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa de cunho documental e etnográfico (com análise nos Relatórios Anuais, Estatutos, Históricos Musicais e Instruções para a Orquestra e Históricos da CCB), que investigou a proposta do ensino de música na CCB e os procedimentos pedagógicos nas aulas teóricas e práticas de violino. Por estar completamente inserido no contexto investigado, este trabalho tem caráter autoetnográfico - por meio da observação participante, busquei relatar a dinâmica das aulas que ministro e do contexto litúrgico do qual participo. Foi possível observar que a musicalização da CCB abrange um público de variadas idades, dentro de um sistema fortemente metódico e estruturado, com abordagem conservatorial, visando a formação de instrumentistas para tocar na orquestra da

igreja. Como resultado, muitos desses músicos buscam uma formação profissional na área da música.

A prática musical na Congregação Cristã no Brasil

A CCB foi fundada em 1910, por Louis Francescon, na cidade de São Paulo. Hoje, ela se encontra em mais de 70 países, com mais de 20.000 mil templos próprios. O trabalho musical na CCB teve início em 1932 com o objetivo de auxiliar a irmandade a cantar os hinos durante os cultos. Com o incentivo de Francescon, os membros da Congregação se reuniram para estudar música e formar a primeira orquestra da igreja (MONTEIRO, 2010, p. 140).

Os cultos ocorrem dentro de uma atmosfera formal, não sendo permitidas palmas e sendo evitadas manifestações individuais. A liturgia segue uma ordem preestabelecida, porém os hinos, orações e testemunhos não são predeterminados, ocorrendo de forma espontânea, com a participação dos fiéis. Durante o culto, mulheres e homens sentam separadamente, as mulheres usam véus na cabeça e as orações são realizadas de joelhos.

Figura 1 – Culto na sede da CCB no Brás – São Paulo.



Fonte: www.youtube.com/@valdete1962

Existe uma padronização nos Cultos Oficiais e Reunião de Jovens e Menores², considerados cultos diários e corriqueiros. Trinta minutos antes do seu início, tem-se a “meia hora”, com hinos tocados pela organista em andamento mais lento. Nesse momento, os músicos da orquestra devem acompanhar visualmente a partitura do hino tocado, observando os elementos da estrutura musical. “Esse hábito tem o poder de promover sensibilidade necessária não só para a questão teórica, mas principalmente sobre a intensidade a ser empregada nos hinos que forem executados durante aquele culto” (BARROS, 2019, p. 27).

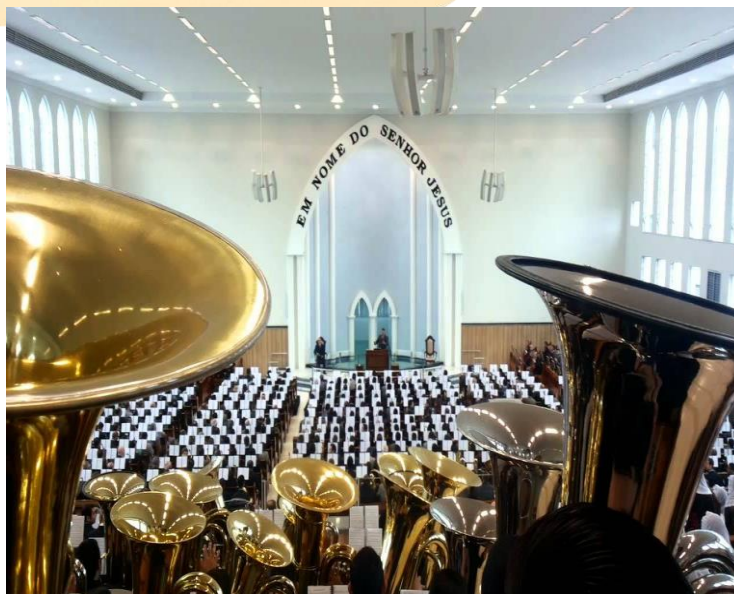
Logo depois da meia hora, a organista toca o lá 3 e, aos poucos, a orquestra vai ajustando a afinação, naípe por naípe. Em seguida, o encarregado de orquestra local, de maneira discreta e somente para os músicos e a organista, anuncia o número do hino a ser tocado. Esse hino chama-se Hino de Silêncio, sendo apenas instrumental, de forma homogênea e uniforme, tendo como andamento a velocidade média exigida indicada na partitura (ver figura 3) e deve seguir com a mesma intensidade aplicada pela organista, o mais suave possível.

Quando o culto é iniciado, os hinos são pedidos pela irmandade³ de forma espontânea e cantado por todos, coletivamente, tendo a orquestra e o órgão como base para o canto. No encerramento do culto, a orquestra toca mais um hino. Ao todo, são tocados oito hinos durante a liturgia, sendo apenas dois exclusivamente instrumentais.

Figura 2 – Orquestra da CCB durante Ensaio Regional na Transilvânia – São Paulo.

² Na CCB existem oito tipos de cultos: Abertura; Ordenação; Batismo; Santa; Culto Oficial; Culto de Reunião de Jovens e Menores; Ensaio Regional e Ensaio Local.

³ Maneira como os membros que estão na congregação são chamados.



Fonte: www.youtube.com/@samuelbuba

Na CCB, existe a determinação de que a orquestra deve ser composta apenas por músicos homens, enquanto o órgão só pode ser tocado pelas mulheres. Em alguns países, como na Argentina, Uruguai, Paraguai, Venezuela, Estados Unidos, Suíça e Áustria, as mulheres podem compor a orquestra da igreja⁴, porém o órgão eletrônico continua sendo um instrumento reservado só para mulheres.

Em relação a essa questão, o que se tem registrado é a decisão tomada em uma reunião de 1961, como mostra o tópico da Assembleia desse ano: "O Senhor tem esclarecido aos irmãos anciãos destiná-las [as mulheres] somente ao órgão eletrônico" (CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL, 1961). Dessa forma, as mulheres que faziam parte da orquestra, tiveram que interromper sua participação e aprender um novo instrumento para continuar atuando como musicistas na igreja. Isso, claro, repercutiu negativamente entre as instrumentistas, muitas delas não voltaram mais para a música da igreja por ter que aprender um novo instrumento e/ou por não aceitarem tal decisão⁵.

⁴ A participação das mulheres na orquestra é frequentemente relacionada ao número reduzido de homens nessas igrejas e pela falta de interesse deles na parte musical.

⁵ Podemos levantar algumas hipóteses sobre o motivo pelo qual essa decisão foi tomada. Uma delas é que a restrição da mulher na orquestra pode ter se dado devido ao aumento de candidatas para estudar música, buscando evitar uma "super orquestra" na instituição e esvaziar a congregação, ficando com um grupo reduzido para cantar os hinos. Essa questão, no entanto, poderia ser facilmente resolvida com o regime de escalas, como sempre foi feito com as organistas. Como as igrejas possuem apenas um órgão para ser tocado durante os cultos e o número de organistas é razoavelmente grande, é feito rodízio entre elas. Outra questão que pode ser levantada são as mudanças que estavam ocorrendo na época, quando havia mulheres ocupando cargos na instituição que não foram

A exclusividade masculina na participação da orquestra da CCB irá refletir diretamente na dinâmica dos Grupos de Estudo Musical, pois restringe o aprendizado de quase todos os instrumentos apenas aos homens.

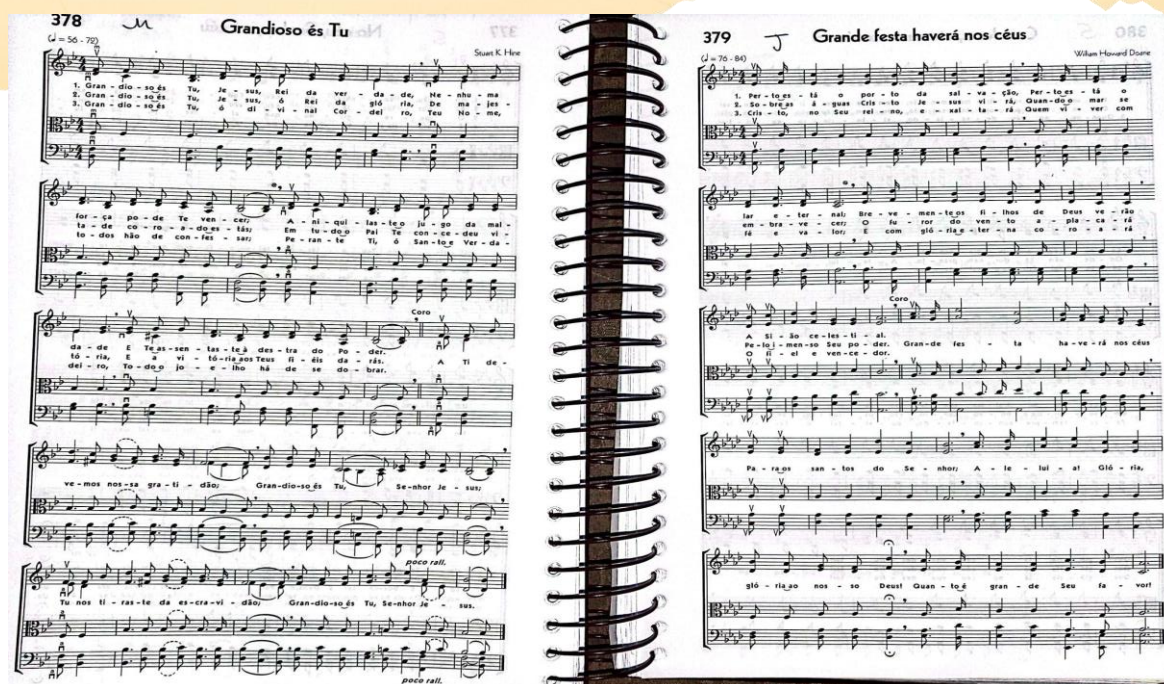
O hinário da CCB

O hinário da CCB é um livro de canções sacras, que possui versões com partitura a quatro vozes, organizado por temas doutrinários, utilizados nos cultos como suporte para o canto da igreja. Em 2012, foi publicada a quinta edição do hinário, composto por 480 hinos no total, sendo 430 para Cultos Oficiais e 50 para Reunião de Jovens e Menores, além dos 6 coros na contra capa do hinário.

O hinário para instrumento de arco contém as partituras dos hinos, divididas a 4 vozes para canto e instrumento. Na partitura, cada sistema tem três pautas: a primeira pauta indica as vozes do soprano e contralto, escritas na clave de sol; a segunda pauta indica a voz do tenor, escrita em clave de dó na terceira linha, direcionada para as violas; a terceira pauta indica as vozes de tenor e baixo, escritas em clave de fá na quarta linha (ver figura 3). Também estão indicadas a marcação da respiração para a orquestra, as expressões interpretativas e os andamentos dos hinos. Todos os instrumentos têm seu próprio hinário, com as partituras e o texto cantado, com respirações e andamentos.

Figura 3 – Partitura do Hinário da CCB para instrumentos de arco – 5ª edição.

inicialmente destinados a elas, como ministrar a palavra nos cultos e assumir a liderança da orquestra, sendo necessário limitar suas atuações. Para vários estudiosos, os responsáveis pela CCB foram muito rígidos com as mulheres, levantando críticas contundentes a esse respeito. Foerster, por exemplo, afirma que “A estrutura da CCB tem claros traços de dominação masculina sobre o sexo feminino. Mulheres são excluídas de qualquer acesso à hierarquia” (FOERSTER, 2006, p. 126-127). Por outro lado, há aqueles que defendem a visão da instituição, que se baseia em sua interpretação da Bíblia. Silva, por exemplo, concorda que a mulher na CCB exerce uma função secundária, atuando na igreja como auxiliar, tendo este papel justificado nos textos sagrados e por documentos oficiais da igreja (SILVA, 2009, p. 10).



Fonte: do próprio autor.

A execução dos hinos pela orquestra deve ser no estilo sacro, como indicado no Tópico 1 da Reunião Anual⁶ de 2015: “O estilo sacro no qual são escritos nossos hinos exige a execução sóbria, pura e exata daquilo que está na partitura (hinário). Não devemos alterar esse estilo”. O Tópico 14 da mesma Reunião diz que “a execução dos hinos deve ser com moderação, temperança, respeito, comunhão, sem modificações, exatamente como está escrito no hinário, evitando adicionar enfeites, efeitos e ornamentos como: apogiaturas, portamentos e também o vibrato”. O vibrato só é permitido para cordas e órgãos, mas devem ser utilizados sem exageros.

A orquestra de cada igreja ensaia uma vez por mês (Ensaio Local) para resolver possíveis problemas de execução e realizar um serviço de acabamento na interpretação dos hinos.

Desde o surgimento da orquestra na igreja, houve grande progresso musical e, atualmente, existem orquestras em praticamente todas as Congregações espalhadas pelo Brasil e pelo mundo. Os grupos contam cada vez mais com um número maior de músicos e organistas, pois o número de participantes na orquestra é ilimitado (BARROS, 2019, p 24).

⁶ Reuniões feitas uma vez por ano pela administração musical da CCB do Brás-SP para tratar assuntos da parte musical. Na ocasião, são gerados tópicos de ensinamentos posteriormente compartilhados com as demais sedes da CCB.

O GEM e a oficina de violino na CCB do Centro de Vila Velha (ES)

Desde 1932, quando o Grupo de Estudo Musical⁷ (GEM) da CCB foi criado, foi possível notar um grande avanço na parte musical da instituição. Hoje, todas as Congregações têm um GEM bem estruturado e metodologicamente alinhado. A igreja possui o Sistema de Administração Musical (SAM), implantado para dar suporte à parte musical e organizar as aulas em conformidade com a Orquestra, e o Manual de Orientação Orquestral (MOO), que delinea o padrão de formação das orquestras de acordo com as categorias dos instrumentos, voltada para orquestra sinfônica. O GEM de cada igreja, seja no Brasil ou no exterior, tem a finalidade de ensinar o aluno a se tornar um músico apto para executar os 480 hinos e 6 coros da 5ª edição do hinário.

O GEM oferece aos alunos a oportunidade de aprender sobre teoria e prática musical em conjunto. Assim que cumprem o Programa Mínimo, detalhado abaixo, são considerados preparados para passar por processos seletivos e disputar vagas nas escolas de músicas, onde podem se tornar músicos profissionais - embora não seja o objetivo do GEM preparar pessoas para prestar vestibular e concursos de música. Atualmente, a instituição tem mais de 500.000 músicos oficializados e espalhados pelo mundo.

Métodos do GEM e o Programa Mínimo

Por muitos anos, o estudo musical no GEM foi composto pelo método ABC musical, junto ao método Bona para o estudo do solfejo. Após o aprendizado teórico, os músicos eram direcionados para os seus instrumentos, iniciando o aprendizado das escalas e dos hinos contidos no hinário. Com a inserção da 5ª edição do hinário, foi criado para a CCB, em 2014, o Método de Teoria e Solfejo (MTS), baseado na segunda edição do Bona (2009). Em 2017, foi publicado o Manual de Orientação Orquestral (MOO). Os dois métodos utilizados atualmente são criados pelo grupo de ministério musical do Brás - SP⁸, e são para uso exclusivo da CCB⁹.

Para o estudo do violino, são utilizados o Método N. Laoureux (Método Schimoll) junto ao Hans Sitt (Método Facilitado – Ed. Britten), aplicados em praticamente todas oficinas

⁷ Quando criado, foi inicialmente chamado de Escolinha de Música.

⁸ A CCB do Brás (SP) é a sede mundial da instituição.

⁹ A partir de meados de 2023, o MTS entrará em desuso pela CCB, sendo o novo material chamado de Método de Solfejo Avançado (MSA) - 3ª edição do MTS, mais resumido e mais práticos, com novos materiais e visando um aprendizado mais dinâmico. O MSA está em processo de implantação.

de violino da CCB.

O GEM funciona padronizado em todos os países: aplica-se o MTS, MOO e o Método Prático em Conjunto (Schimoll). Quando o aluno se candidata para o estudo musical, consulta-se o MOO para saber qual instrumento será tocado por ele. Antigamente, o aluno poderia tocar o instrumento que estivesse à disposição; hoje, porém, com o crescimento do número de músicos e a padronização da orquestra no formato sinfônico, é necessário seguir o padrão exigido no MOO: 50% de cordas 25% de palhetas e 25% metais (BARROS, 2019, p. 32).

Geralmente, o GEM acontece nos dias estipulados pelo encarregado local de orquestra, dependendo da disponibilidade dos professores e alunos. Todos seguem o Programa Mínimo exigido pela CCB. Os alunos que se desenvolvem com mais rapidez passam para a próxima fase do programa sem depender dos demais estudantes, pois a avaliação é individual.

O Programa Mínimo é constituído por quatro fases:

- 1ª fase: Ensaio Local – para tocar nos ensaios locais, os candidatos podem ser batizados ou não, desde que estejam em fase adiantada de estudo dos métodos e hinos, devidamente avaliado pelo encarregado de orquestra.
- 2ª fase: Ensaio Regional e Reunião de Jovens e Menores – candidatos batizados ou não, desde que tenham sido aprovados no teste correspondente a esta fase.
- 3ª fase: Culto Oficial e Reuniões para Mocidade da sua região – podem tocar todos os candidatos batizados, desde que tenham sido aprovados no teste correspondente à fase proposta.
- 4ª fase: Oficialização - Todos os candidatos batizados tocam, desde que já tenham sido aprovados no respectivo exame. Nesta fase, o encaminhamento do candidato para ser submetido ao exame de oficialização se dá através de ficha de apresentação assinada pelo encarregado e pelo ministério local, ancião e cooperador do ofício ministerial. A oficialização dá a possibilidade de tocar em qualquer Congregação do Brasil e do mundo.

A cada aula, uma lição do método prático é aplicada e, na aula posterior, é feita a avaliação da lição proposta pelo instrutor, que irá determinar se o aluno poderá passar para próxima lição ou não. Em relação ao violino, quando o aluno já estiver dominando o arco e reconhecendo as notas musicais no pentagrama, é iniciado também os estudos no Hinário. Nessa etapa, são escolhidos os hinos mais fáceis, que não tenham acidentes, para que os alunos possam participar da prática de conjunto feita no GEM.

Veremos, a seguir, como funciona a oficina de violino no GEM da igreja do Centro de Vila Velha (ES), por meio de um relato descritivo das aulas, visando compreender o processo de musicalização que acontece nas aulas práticas e teóricas.

A oficina de violino na CCB do Centro de Vila Velha

As aulas de teoria e violino na CCB do Centro de Vila Velha são feitas todas as segundas-feiras, no horário de 19h30, com duração de uma hora cada. Ao todo, somos em 7 pessoas na sala de aula: Elton pai (41 anos), Elton filho (13 anos), Issacar (12 anos), Leandro (16 anos), Vitório (9 anos), sr. Maicon (59 anos)¹⁰ e eu.

Iniciamos com uma oração, pedindo a Deus para que possamos aprender e compreender os assuntos abordados. Sempre fazemos a aula teórica primeiro, falamos sobre os elementos da música e as propriedades do som, de acordo com os módulos do MTS. Abrimos o MTS no capítulo a ser estudado e eu faço anotações sobre o assunto na lousa disponibilizada para a aula. Também procuro fazer perguntas a respeito do material apresentado, de forma a induzir os alunos a internalizar o conteúdo. Depois, fazemos os exercícios juntos em sala para tirar as dúvidas. Ao final da aula, sempre deixo um exercício do MTS para casa, com correção na próxima aula.

Um dos alunos mais novos, Isaacar, está se preparando para tocar o saxofone alto. Nas aulas, dizemos que ele é igual ao jogador de futebol: chuta todas as respostas das perguntas que faço. Os demais alunos se divertem com as brincadeiras de Isaacar, dando muitas risadas. Apesar de provocar uma certa agitação na turma, considero esse momento de descontração importante para a nossa rotina.

Às 20h30, damos início à parte prática com o violino. Elton pai e Issacar, que tocam outros instrumentos, finalizam suas participações e saem da sala, pois eles fazem apenas a aula teórica com a turma. Todos os futuros violinistas pegam seus instrumentos e se sentam em um banco da congregação, mantendo certa distância uns dos outros, pois agora a abordagem será individual. Com o auxílio de uma estante, os alunos posicionam os métodos de violino utilizados, Schimoll e Hans Sitt, localizam a página que cada um está estudando e começam a tocar. Todos tocam o seu respectivo repertório ao mesmo tempo, no mesmo ambiente.

O aluno toca a lição e eu faço a avaliação a partir dos seguintes critérios: postura, forma de pegar no instrumento, afinação e rítmica; também observo as vírgulas nas frases e semifrases,

¹⁰ Os nomes foram alterados.

andamento e outros aspectos musicais. Se o aluno vai bem na lição, peço para tocar a próxima página à primeira vista, tiro as dúvidas e passo para o próximo aluno. Se ele não atinge o mínimo esperado, registro no meu material de acompanhamento e ele volta para casa para estudar a mesma lição. Esse material de acompanhamento é o Sistema de Administração Musical (SAM).

Aproximei-me de Elton filho para ouvir sua lição. Além do GEM, ele faz aulas em um projeto oferecido pela congregação, com crianças de até 12 anos. Seu violino é marcado com fitas adesivas na primeira posição e ele já consegue fazer as notas bem afinadas sem olhar os dedos nas fitas. Ao iniciar a lição, Elton filho ficou inseguro e começou a errar as notas. Pedi para ele respirar e solfejar antes de tocar; ele seguiu a orientação e conseguiu tocar a partitura um pouco melhor. Apesar de Elton filho dizer que estava estudando em casa, seu pai contou que ele estudou pouco. Deixei claro que se ele não se esforçasse, demoraria para começar a tocar nos ensaios que fazemos no GEM - Ensaios Locais, equivalentes à primeira fase do Programa Mínimo. Ele ficou animado e entusiasmado com a possibilidade de tocar nos ensaios com os demais alunos e se propôs a se engajar mais.

Observamos, aqui, pelo menos dois fatores de motivação para os alunos do GEM: o objetivo de tornar-se um músico da orquestra da CCB e a própria abordagem do ensino coletivo. Sobre o primeiro, podemos considerar que fazer parte da orquestra se traduz tanto como um propósito espiritual - fazer parte da obra de Deus - quanto em capital cultural - tocar na orquestra é uma competência valorizada no meio da CCB. Sobre o segundo, podemos encontrar diversos autores que apontam o ensino coletivo de música como fator motivador (SWANWICK, 1994; CRUVINEL, 2005; BARBOSA, 1996; TOURINHOS, 2022). Segundo Swanwick (1994, p. 9), o ensino em grupo “é uma excelente forma de enriquecer e ampliar o ensino de um instrumento”. Nesse sentido, Barbosa (1996) observa que:

O ensino coletivo gera certo entusiasmo no aluno por fazê-lo sentir-se parte de um grupo, facilita o aprendizado dos alunos [...], causa uma competição saudável entre os alunos em busca de sua posição musical no grupo, desenvolve as habilidades de se tocar em conjunto desde o início do aprendizado, e proporciona um contato exemplar com as diferentes texturas e formas musicais (BARBOSA, 1996, p. 41).

Nos ensaios em grupo, é trabalhado o repertório da orquestra, ou seja, as partituras do hinário vigente. Os alunos escolhem dois hinos de sua preferência que correspondam ao nível de execução em que se encontram, e é feita uma tabela para que todos os alunos estudem os hinos selecionados. No dia do ensaio, todos já sabem o que vão tocar. Essas aulas coletivas trazem várias vantagens para o aluno, como desenvolvimento mais rápido do repertório,

melhora da afinação individual, desenvolvimento mais rápido de uma sonoridade agradável, desenvolvimento do ouvido harmônico e maior rendimento no aprendizado do instrumento. Além disso, a prática musical em grupo no GEM faz com que o aluno aprenda a interagir com os outros músicos, desenvolva paciência com os que sabem menos, aprenda a respeitar as passagens musicais de outros instrumentos - nem sempre o soprano é a voz mais importante, aprenda a socializar e a cooperar com os outros músicos e desenvolve segurança para tocar.

O sr. Maicon tem 59 anos e iniciou recentemente os seus estudos em música. Segundo ele, estudar música é a realização de um sonho da juventude; todos os seus primos tocam na CCB no Paraná e, agora, ele terá a oportunidade de aprender e tocar também. Os projetos musicais oferecidos pelas instituições religiosas, de forma geral, buscam ser democráticos em relação à faixa etária, oferecendo atividades para todas as idades. No caso da CCB, crianças e idosos estudam juntos, de acordo com a disponibilidade dos professores. Se por um lado a heterogeneidade de vivências musicais e de vida coloca-se como um desafio para o professor, por outro, a convivência entre jovens e idosos desenvolve o respeito e a troca de experiências, o que também é compatível com os objetivos de um projeto musical em uma instituição religiosa, assim como em projetos sociais.

Seguindo a prática da igreja, as aulas teóricas dos homens são separadas das mulheres. As crianças que já sabem ler seguem nas aulas junto aos adultos, pois entende-se que elas já têm condições de acompanhar o material didático. Os alunos que se destacam e se desenvolvem mais rápido, vão para a turma avançada, para que tenham acompanhamento mais próximo. O professor fica responsável por aplicar testes a cada 2 módulos do MTS no decorrer do ano.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo investigar o processo de ensino musical na Congregação Cristã no Brasil, e mais especialmente, na oficina de violino do Centro de Vila Velha. A partir do relato das aulas no GEM, foi possível observar que a musicalização da CCB abrange um público de variadas idades, dentro de um sistema fortemente metódico e estruturado, com abordagem conservatorial, visando a formação de instrumentistas para tocar na orquestra da igreja.

No que tange ao material utilizado no GEM, a CCB preza por confeccionar e adaptar os métodos usados em aula, visando alcançar o objetivo de formação de orquestra de forma

rápida e padronizada. As aulas são ministradas por professores voluntários, a maioria com formação musical adquirida nos próprios GEMs.

Ao analisarmos o funcionamento da CCB, dos GEMs e da orquestra, nos deparamos com a questão da separação de gênero como algo a ser problematizado, mesmo não sendo esse o objetivo desta pesquisa. Tal questão levanta várias críticas sobre o direito da mulher e o tratamento diferenciado por gênero. A separação por gêneros reflete na dinâmica dos GEMs, que possuem classes formadas apenas por homens, enquanto as mulheres aprendem apenas o órgão de forma separada e com professoras mulheres. Considerando que a igreja, muitas vezes, será o primeiro contato com a música e que direcionará a possível atuação profissional desses músicos, dificilmente encontramos mulheres violinistas, violoncelistas, saxofonistas e clarinetistas provenientes da CCB, assim como não encontramos homens pianistas/organistas.

É possível observar que as igrejas evangélicas vêm promovendo um trabalho significativo no ensino de música, com uma porcentagem considerável de alunos no curso superior de música provenientes da iniciação musical oferecida nessas instituições. Os membros das igrejas têm contato constante com práticas musicais como orquestras, bandas, coros e big bands, o que desperta interesse e atribui valor a essas práticas. Além disso, as instituições religiosas, de modo geral, oferecem o ensino da música de forma gratuita ou por um custo mínimo. Pesquisas sobre a formação musical de graduandos em música apontam que muitos alunos (se não a maioria) foram musicalizados por meio das igrejas (SILVA, 2021; BRITO, 2013; BARROS, 2019; MARTINOFF, 2010; FREITAS, 2008).

Em nosso estado, temos vários membros da CCB formados na UFES e na FAMES. Em uma rápida enquete feita com professores dos GEMs na região de Vila Velha, entre os 10 professores que responderam, 4 iniciaram os estudos no GEM e hoje são formados em música, e 6 possuem apenas a formação do GEM como músicos da CCB. A Orquestra Sinfônica do Espírito Santo (OSES), por exemplo, tem em seu quadro 9 músicos que iniciaram seus estudos nos grupos da CCB.

Podemos observar, a partir desses dados, a atuação das igrejas, em especial da CCB, na formação musical de base. Muitos dos seus membros que entram na orquestra estão preocupados em dar continuidade ao processo de aprendizagem, ingressando em universidades ou escolas de música para se formar, ajudar no ministério e ter uma carreira musical fora da instituição, como profissionais.

Referências

BARBOSA, Joel Luis. Considerando a viabilidade de inserir música instrumental no ensino de primeiro grau. Revista da associação brasileira de educação Musical, porto alegre, v.3, n. 3 p. 39-49, 2014. Disponível em:

>http://www.abemeduacaomusical.com.br/revista_abem/ed3/revista3_artigo3.pdf<

BARROS Vieira Damasceno, Pâmella. O Ensino de Música na Congregação Cristã no Brasil. Goiânia 2019, p. 1 – 47. Monografia. Universidade Federal de Goiás, Goiânia 2019.

BRITO, Carlos Renato de Lima. Educação Musical e Igreja Evangélica: O Ensino de Música no Cotidiano da Congregação Cristã no Brasil em Juazeiro do Norte. Juazeiro do Norte 2013. [44 f.] Monografia. Universidade Federal do, Cariri Juazeiro do Norte 2013.

_____. Aprendizagem de Música no Cotidiano das Organistas da Congregação Cristã no Brasil em Juazeiro do Norte. João Pessoa 2016, P. 1 – 125. Dissertação (Mestrado). Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Programa de Pós-graduação, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2016.

CRUVINEL, Flávia Maria. Educação musical e transformação social: uma experiência com ensino coletivo de cordas. Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005. 255p.

FOERSTER, Norbert Hans Christoph. Poder e Políticas na Congregação Cristã no Brasil. Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, n. 8, p. 121-138, 2006.

FREITAS, Débora Ferreira de. Educação musical formal, não-formal ou informal: um estudo sobre processos de ensino da música nas Igrejas evangélicas do Rio de Janeiro. 2008. [38 f.]. Monografia. Instituto Villa Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro 2008.

MARTINOFF, Eliane Hilario da Silva. A música evangélica na atualidade: algumas reflexões sobre a relação entre religião, mídia e sociedade. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 23, 67-74, mar. 2010.

MONTEIRO, Yara Nogueira. Congregação Cristã no Brasil: da fundação ao centenário - a trajetória de uma igreja brasileira. Estudo de Religião, Santiago de Chile, v. 24, n. 39, p. 122-163, jul./dez. 2010.

ROLOFF, Eleana Margarete. A importância do lúdico em sala de aula. In: X Semana de Letras, 2010, Porto Alegre. Anais da X Semana de Letras. PUC, ISSN: 2237-1591 2010. Disponível em:

<<https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/Xsemanadeletras/comunicacoes/Eleana-Margarete-Roloff.pdf>>. Acesso em: 06. Junho. 2016.

SILVA, Jonadabe Lemuel Marques da. A educação musical na Assembleia de Deus no Jacintinho. Maceió, 2021. P. 1-40. Monografia. Universidade Federal de Alagoas, Maceió 2021.

SWANWICK, Keith. Ensino Instrumental Enquanto Ensino de Música. Trad. Fausto Borém. In: KATER, Carlos (Ed.). Cadernos de estudo: educação musical. n. 4/5. SP: Através, nov. 1994. p. 7-14. Disponível em: ><https://pdfcoffee.com/ensino-instrumental-enquanto-ensino-de-musica-keith-swanwick-pdf-free.html><. Acesso em: ago. 2014.

TOURINHO, Ana Cristina Gama dos Santos. A motivação e o desempenho escolar na aula de Violão em grupo: Influência do repertório de interesse do aluno. Salvador, 2002. 113 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música Universidade Federal da Bahia. Salvador: Ictus – Período do Programa de Pós-Graduação em Música da UFBA, n° 4, 2002.